



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 18

Narradores não confiáveis

Branca Vianna: Está começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

No episódio desta semana, a gente tem duas histórias em que um elemento é de fundamental importância: quem tá contando a história. Porque, como a gente sabe, isso faz toda a diferença. Quando a gente entende melhor quem é o autor de uma determinada narrativa, a gente consegue enxergar ela com outros olhos. Consegue sacar de onde ela tá vindo. Como ela foi pensada. O que ela carrega dentro dela. O que que tá em jogo, quais interesses, quais são as regras que regem essa mensagem.

O Dom Casmurro, por exemplo, o livro do Machado de Assis. Esse talvez seja o exemplo brasileiro mais famoso de um narrador não confiável. O Bento Santiago passa o romance inteiro contando uma grande tragédia, de como o primeiro e único amor da vida dele – a Capitu – traiu ele com o melhor amigo dele – o Escobar. E, durante décadas, foi assim mesmo que a história foi lida. Foi só meio século mais tarde que uma tradutora americana, a Helen Caldwell, começou a desconfiar que talvez não desse pra botar a mão no fogo por esse tal de Bentinho.

Quando ela traduziu o romance pro inglês, ela viu vários sinais de que o Dom Casmurro não era uma história contada por um narrador desinteressado. Era muito esquisito, por exemplo, que ele se identificasse com o Otelo, do Shakespeare. Porque o Otelo é o grande exemplo na literatura de um cara que acusou a mulher de traição – assassinou ela por traição – sendo que ela era inocente. O livro da Caldwell falando disso chama O Otelo brasileiro de Machado de Assis. E ele foi uma revolução. Tanto que o povo discute até hoje se a Capitu traiu ou não o Bentinho. Mas, mais importante do que inocentar ou condenar a Capitu – até porque isso é impossível –, é o que a Caldwell fez, de abrir os olhos de todo mundo. De tirar os olhos da narrativa e passar a olhar pro narrador. Pro que ele queria quando contou essa história.

Esse tipo de análise costuma ser aplicado a textos de tudo quanto é tipo.

Mas no caso dessa primeira história aqui desse episódio, o tipo de texto talvez te surpreenda um pouco. São textos do tipo que o seu tio recebe no WhatsApp ou no Facebook, com mil pontos de exclamação e aqueles emojis de alerta. Esses textos têm um público leitor muito grande, afinal. Então é ainda mais importante saber de qual cabeça eles brotaram.

No começo desse ano, a Carol Pires se sentou pra conversar com um dos autores desses textos.

ATO 1

Carol Pires: 2018 foi o ano das fake news na política. Não que elas tenham sido inventadas naquele momento. Tem histórias de fake news tão velhas quanto o império romano. Mas as notícias falsas foram massificadas com a chegada das redes sociais e chegaram ao ápice naquela eleição. Foi o ano em que o Bolsonaro levou uma facada - o que já rendeu uma boa quantidade de teorias da conspiração.

E foi também o ano em que o Fernando Haddad, que também tava concorrendo à presidência, precisou se defender de várias histórias mirabolantes. Teve foto montada dizendo que todos os seguranças dele eram cubanos. Teve boato que ele ia legalizar o incesto e a pedofilia. E teve o famoso caso da mamadeira de piroca: um vídeo compartilhado por milhões de pessoas falando que o PT e o Haddad distribuíam nas creches uma mamadeira que, no lugar do bico comum, tinha um pênis de silicone.

Essa história é bem surreal. Escolas não distribuem nem mamadeira normal, imagina então essas aí – que existem mesmo, mas são vendidas em sex shop para maiores de 18 anos. E não dá pra medir exatamente o efeito que cada notícia falsa tem numa campanha política, ou numa eleição presidencial. Mas que tem efeito, tem. Aí fica a pergunta: por que alguém acredita numa fake news tão absurda? Como? Eu fui buscar essas respostas num lugar improvável.

Carol Pires: Você conhece a pessoa que inventou a mamadeira de piroca? Essa pessoa é famosa no mundo subterrâneo das campanhas?

"João": É, com certeza. Não conheço e também não desconheço. Eu não tenho um contato, mas eu falo para você: é galera que é tipo muito estudada, não um hackerzinho de fundo de garagem, é uma galera que é muito estudada mesmo. E, assim, existe uma, existe toda uma estrutura para fazer isso.

Carol Pires: Essa voz é de uma fonte minha. Eu não posso revelar o nome dele porque nem tudo que ele faz no trabalho é legal. Então hoje vamos chamar ele de João. Eu conheci o João quando eu estava fazendo a reportagem e o roteiro da série Extremistas.br, do Globoplay, dirigida pelo Caio Cavechini. A série acompanha o processo de radicalização política no Brasil. E as fake news são o principal combustível dessa radicalização. Então a gente, da equipe da série, tinha que encontrar alguém que trabalhasse criando essas notícias falsas. Alguém lá da ponta mesmo, que passasse o dia inventando notícias. E de contato em contato, eu cheguei no “João”.

"João": É absurdo! É absurdo até pra uma pessoa que não sabe ler, gente. Você avançar na conspiração a esse ponto. É um absurdo. A mamadeira de piroca é um absurdo tão grande, tão grande, que eu não entendo como é que tem gente que acredita que aquilo ali vai acontecer.

Carol Pires: É foda.

"João": Imagina! Imagina, você tá em casa e as suas filhas chegam: "Olha, mãe, o que que eu ganhei no colégio", uma mamadeira com um pirocão. Uai, véi, você acha mesmo que isso vá acontecer?

Carol Pires: O João sabe que isso não vai acontecer. Mas é esse tipo de coisa que ele mesmo inventa.

"João": Ah, eu vou te falar uma fake news top que eu inventei. Sabe os termômetros?

Carol Pires: Ahn.

"João": Lembra que todo mundo tinha que passar? Eu ficava falando que aquilo ali era a China mapeando os nanorrobôs que foram colocados em você pela vacina. E eu posso falar uma coisa? Tem gente que acredita em mim até hoje. Tem gente que fala: "Eu não deixo mais chegar esse termômetro perto de mim."

Carol Pires: Para que que o João inventou que a medição de temperatura era um esquema da China pra monitorar nanorrobôs injetados nas pessoas pelas vacinas? Vamos lá. No caso de uma eleição, tudo começa quando um político em campanha contrata um marqueteiro pra cuidar da estratégia de comunicação, que vai desde monitorar regiões em que o candidato tá indo mal até pensar que tipo de mensagem esse público-alvo precisa receber pra votar nesse candidato.

E enquanto eu estava procurando alguém tipo o João, eu acabei entendendo que muitos marqueteiros têm duas equipes. Tem um lado A, oficial, que tem publicitários, jornalistas e pesquisadores montando uma estratégia pra divulgar as promessas de campanha e ganhar voto. Mas às vezes tem a turma do lado B da campanha, que tem uma missão bem menos honrosa: tirar voto dos adversários. Fazer o eleitor que já tem candidato ficar em dúvida. E é aí que a equipe do João entra.

"João": Porque assim, né? Vamos supor, pra deputado, você não tem um, dois, três adversários. Você tem 50, 60 adversários. Aí você pega dez ali que detém uma grande parte dos votos. Então, tem gente que tem a base fiel, a base fiel não deixa de votar. Mas aí, dentro dessa base deles, você tem que identificar os que não são fiéis. E aí, os que não são fiéis, você pega eles pela dúvida deles. Então assim: "Aí, eu voto no fulano, mas eu tô vendo aqui que o fulano fez isso".

Carol Pires: Vendo "aqui", no caso, numa notícia falsa nas redes sociais.

"João": E aí, quando a pessoa clica naquilo ali, a gente já consegue identificar os confusos, por exemplo. E, aí, a gente manda mais conteúdo pra essa pessoa ficar mais confusa. Então, ela chega num ponto de confusão tão grande, que aí ela vai buscar outro candidato. E, aí, nessa que ela vai buscar outro candidato já tá, o quê? Hiperlinkado com o nosso. "Que, ah, pô, ele não fez esse negócio aqui pra segurança, e tá falando que é até envolvido com tráfico. Mas esse aqui fez, não gosta de traficante. Não, então é esse aqui". Entendeu? E, aí, a gente tem que queimar os votos do adversário, né? Para a gente poder passar o nosso. É uma grande corrida, né? A corrida eleitoral.

Carol Pires: Mas não é que ele sai jogando todo tipo notícia falsa ao vento. É que as campanhas políticas fazem pesquisas de intenção de voto o tempo todo. E conseguem identificar os grupos em que o candidato vai melhor ou pior. Um

exemplo hipotético: vamos supor que a pesquisa mostrou que o candidato não tá sendo bem cotado entre eleitores de determinado bairro. Aí o lado A da campanha vai organizar uma passeata naquele bairro, vai distribuir panfletos com as propostas para segurança pública, estratégias desse tipo. Já o lado B vai criar notícias falsas contra o candidato que tem mais intenções de voto naquele bairro, pra tentar tirar votos dele.

"João": O meu trabalho é causar incômodo, mal-estar político mesmo. Tensão. É justamente pra perder a credibilidade. A gente tem que fazer o cara perder a credibilidade de algum jeito, né?

Carol Pires: Eu pedi pro João me dar um exemplo real. E ele me contou de uma disputa para governador de estado. Qual estado? Fica por conta da sua imaginação.

"João": Ele tinha ali um choque muito grande no eleitorado, porque eles estavam disputando voto a voto. Então, a gente teve que identificar qual era a do eleitor. E aí, como um estado um pouco tradicional, então falou: "Ah, bom, já vou botar aí um ponto: eleitoral tradicionalista. Outro ponto: eleitor conservador." E, aí, são esses pontos que nós vamos analisando, de uma maneira geral. Agora, vamos lá ver quem são os eleitores da capital, quem são os eleitores do norte do estado, quem são os eleitores das pontas do estado. E, aí, o que que foi identificando? Que o eleitor, ele tinha medo da pauta do PT. Não é do PT, mas é porque popularizou tanto, e o PT agora é a representação de esquerda nesse país, então, que aí falaram assim: vamos bater na pauta. Então, os caras do tradicional, né? Conservador. Projeto de lei pra puta? Queima. "Fulano está metendo um projeto de lei pra amparar as putas do estado". Pronto, ali já foi o primeiro. A pessoa: "Como assim? Tem mãe solteira..." Aí começa o moralismo. "Tem mãe solteira que não recebe benefício e as putas que têm que receber?" Não é a gente que tem que explicar, né? Beleza. E aí isso foi um ponto.

Carol Pires: O projeto existiu ou vocês inventaram?

"João": Pior que existiu. Mas, assim, não era um projeto para amparo das putas, não. Era outra fita, era outra vibe.

Carol Pires: Uma coisa mais social.

"João": Isso. Mas, aí, distorceu ali, botou o enunciado, e já era.

Carol Pires: A ideia é sempre deixar o eleitor dos outros candidatos indignados pra aí puxar eles pro seu campo. Só que as plataformas de redes sociais entenderam que esse conteúdo que choca também gera embate, discussão. No linguajar das redes: é um conteúdo que engaja. E engajamento é o modelo de negócio dessas plataformas. Então elas acabam impulsionando ainda mais as postagens que geram ódio.

Tanto que um levantamento da Universidade Federal do Rio de Janeiro comprovou que o sistema de recomendações do YouTube favoreceu vídeos pró-Bolsonaro durante a eleição de 2022. E logo que essa notícia saiu, eles corrigiram o viés. Ou seja: é uma programação da plataforma possível de ser alterada.

Um tipo de fake news muito fácil de espalhar é sobre corrupção. O eleitor se sente lesado, roubado. Fica indignado e decide agir - nem que seja só interagindo, engajando com esse conteúdo nas redes.

"João": Ah, o eleitor aqui está falando muito sobre corrupção, anticorrupção. Já põe aí três, quatro escândalo que o cara é corrupto, ladrão, que a irmã roubou, que o cunhado roubou, que os primo roubaram. Aí já vai queimando também.

Carol Pires: E era verdade?

"**João**": Olha, uma parte era. E a parte mais interessante não era. A parte que era verdade é que supostamente existiam, né, algumas irregularidades em obras.

Carol Pires: Uma investigação que ainda não foi comprovada.

"**João**": Isso, que era aquela coisa bem política, né? Vou abrir aqui só para ficar dizendo que tem. A que não era verdade, que o eleitor acha massa, é descobrir que a família inteira está envolvida. Aí, a gente começa a brincar. Que o fulano trouxe a irmã, que trouxe o cunhado, que trouxe o genro que trouxe o sogro, que trouxe o primo, que trouxe não sei quem. E a família inteira se beneficia. Só que não pode ser sério, porque a gente não está dando notícia de jornal. A gente tem que achacar a parada. Então, a gente põe com cara de palhaço, o eleitor com cara de palhaço, a máscara caindo, sabe? Não sei se você viu aquele memezinho em que o cara tira a máscara de palhaço, e ele tá pintado de palhaço? Tipo isso. Uma coisa que o eleitor também, principalmente daquele estado, não gosta muito: ostentação. Que que a gente pegou? O cara é ostentador. Uísque caro, charuto, roda de pôquer, não sei o que, e aí foi. E isso tudo, por menor que a gente entenda: "Ah, pô, tá achando ruim que o cara joga pôquer?". O eleitor acha.

Carol Pires: Uma vez que o João tem os dados de intenção de voto por região, sexo, religião, e já entendeu qual o assunto que tá pegando pra cada segmento, aí sim ele pensa na fake news que faz sentido. Se o contratante dele é um cara que vai contra as medidas de isolamento na pandemia, que é contra a vacina, faz todo sentido inventar que a vacina é um complô da China para instalar nanorrobôs nas pessoas e controlá-las como um rebanho.

"**João**": Na verdade, eu tenho a ideia, passo pro meu contratante. Geralmente os contratantes são os marqueteiro mesmo, chefe de gabinete, a galera lá do núcleo duro. E, aí, a minha equipe, ela já vem completa. O cara fala: "É isso mesmo." E eu já tenho a minha produção de conteúdo ali, a gente faz.

Carol Pires: Faz os memes, os vídeos.

"João": Faz os memes, gifs, vídeo, um negócio pro WhatsApp, pra tudo. E, aí, dissemina em plataforma de robô. Que a gente não tem como fazer manual 1000, 2000 compartilhamentos, mas o robô faz 5000, 6000 compartilhamentos no dia fácil.

Carol Pires: Aqui é o pulo do gato. Depois que o João começou a trabalhar pra campanhas grandes, com marqueteiros bem conectados, ele passou a ter acesso a uma plataforma – tipo um programa de computador, que meio que hackeia várias redes sociais: Facebook, Instagram e também o WhatsApp.

O João configura, por exemplo, que ele quer entrar em grupos de WhatsApp que tenham "Copacabana" no nome. Aí aparecem centenas: "Vizinhos de Copacabana", "Surfistas Copacabana", "Babás Copacabana", "Bolsonaro Copacabana", qualquer coisa "Copacabana". Ele entra nos maiores, onde a presença dele não é percebida. E, uma vez dentro desses grupos, ele começa a espalhar links, memes e fake news. Por isso o programa consegue fazer milhares de compartilhamentos por dia. Porque em vez de entrar nos grupos de um por um manualmente, ele entra em centenas de uma vez através dessa plataforma. E, segundo o João, dá pra configurar esses robôs - que ele chama de "neurobots" - pra interagirem sozinhos dentro dos grupos.

Por exemplo: um robô tá configurado pra ser uma mulher que flerta com vários usuários, respondendo comentários com corações e piscadelas. Outro robô é configurado como um macho escroto. E um terceiro como um cara ponderado. Depois de um tempo despercebidos ali no grupo, só interagindo com postagens dos outros, o robô-mulher é programado pra soltar uma denúncia contra o candidato do grupo - que no caso é adversário do candidato que contratou o João. Aí o robô-macho-escroto tá configurado pra responder esculachando a denúncia da robô-mulher. E o robô-ponderado vem dizer que, independente da notícia ser verdadeira ou não, a mulher merece respeito.

Segundo o João, os homens do grupo com quem a robô-mulher vinha flertando também tendem a sair em defesa dela. Aí vira uma brigaiada, e esse grupo de mobilização acaba morrendo – o que é bom pro candidato do João. E ainda fica a impressão pra todo mundo que a notícia era verdadeira, porque a maioria saiu em defesa da mulher.

Carol Pires: Você consegue programar, ele vai em páginas de Facebook, no WhatsApp e todas as redes sociais você consegue se infiltrar.

"João": Isso, mas, assim, como é? Não vai um por um, né? Eu entro em grupos, então vou entrando em grupo de compra e venda, porque é onde reúne muita gente, vou entrando num grupo de solteiro, entro num grupo de casado, entro num grupo da igreja. Só que, aí, a gente tem um mapa disso. Então, eu tenho 20 grupos de compra e venda, o conteúdo é uma coisa. Eu tenho 20 grupos de solteiro, o conteúdo é outro. Eu tenho 20 grupo de igreja, o conteúdo é outro. Então, pra igreja lá, por exemplo, citando esse caso aí, o pessoal da igreja, a gente bateu muito na questão que ele queria ajudar as puta, queria fazer parada gay, queria apoiar os gay, não sei o quê, kit gay, mamadeira de piroca, e a gente embala tudo num mesmo mote e manda pra esses grupos, né? Agora, pra galera que é mais distinta, tipo de grupo de compra e venda e tal, por exemplo, aí é tudo. Aí, a gente lança dez, vinte publicações pra gente ver qual que está viralizando mais. Viralizou ali, a gente começa a bater em cima daquele assunto, né?

Carol Pires: É um teste também.

"João": É. Tem que fazer o A-B.

Carol Pires: E já rolou de você pensar numa mega fake news e flopar?

"João": Como assim, desculpa?

Carol Pires: Você pensar, assim: "Nossa, essa história aqui vai viralizar." E, aí, uma vez que você solta, ninguém compartilha.

"João": Aham. Foi. Esse da eleição recente, agora. A gente achou que o fato de falar que o candidato da família tinha amante. A gente falou: "Ah, é isso aqui. Vamos lá caçar amante para o cara. Família tradicional, segundo esses caras, é homem e mulher, amante e filhos, né?" Então, a gente criou uma parada muito grande em cima disso, achando que "acabou pro cara". O cara ia aparecer no Jornal Nacional explicando que não tinha amante e tal. E, muito pelo contrário, foi uma coisa tão abafada. O nosso operador lá do WhatsApp foi preso. E morreu o assunto.

Carol Pires: Não viralizou.

"João": Não viralizou, entendeu?

Carol Pires: Qualquer pessoa é capaz de criar uma notícia falsa - uma mentira. Mas fazer isso como profissão exige mais do que criatividade. No caso do João, que trabalha fazendo isso para campanhas eleitorais, tem que ter também um certo feeling político. E política é uma coisa que tá na vida dele desde criancinha.

"João": A minha família sempre foi militante. A minha avó, inclusive, ela é militante até hoje. E ela é militante ferrenha, assim. Então, tem fotos nossas, quando eu era menor, trajado de Lula, da cabeça aos pés. Não que eu seja bolsonarista ou seja lulista, não, porque o engraçado da minha vida política é que eu sou filiado ao Republicanos, né, mas eu não me filiei ao Republicanos por conta da Universal. Eu me filiei por conta do Zé de Alencar, que era o vice do Lula, né, que eu acho que era a política que tinha que ser aplicada, que era dele. Aí, infelizmente, o presidente morreu e, aí, a Universal tomou-te conta, né? Então, começa daí: a militância. E eu aprendi a militar primeiro.

Carol Pires: Ele contou que a avó dele era socióloga. E que na adolescência ele até teve vontade de ser também. Mas na hora de escolher a graduação, ele acabou indo pro Direito. Só que, ainda durante a faculdade, ele começou a trabalhar em outra área: redes sociais.

"João": Era fazendo rede social, engajamento orgânico. Na época, não tinha muito, porque eu comecei em 2010. E, aí, em 2010, de tráfego pago, impulsionamento, essas coisas, não existia muito. O que tinha era tipo o Twitter, e tinha que bombar no Twitter. Então a gente trabalhava muito em cima de Twitter com informação, tinha que levar para os TTs, tinha que viralizar e não tinha como pagar. Você pagava os outros para poder o fulano ir lá e retuitar. Só que começou aí.

Carol Pires: Era muito manual.

"João": Era muito, muito manual mesmo, sabe? Tanto que eu trabalhei num evento, antes da política, que a gente manteve ele três dias nos TTs nacionais.

Carol Pires: Como?

"João": Nossa, era um evento com muitas bandas. A gente entrou em contato com fã clube de todas as bandas no Brasil inteiro, falando: temos que subir, temos que subir, temos que subir a hashtag, tem que subir a hashtag. E, aí, a gente entrou em contato com fã clube em Manaus, no Norte, no Sul, no Nordeste, no Sudeste, eram milhares de pessoas, sabe? Para atender, de fã clube. Aí, assim: "Fulano, quantos você tem?". 100. "Então, preciso de 100 compartilhamentos teus". "Quanto você tem?". 1000. "Então, compartilha 1000". E aí, foi – nossa, mas era muito manual. Igual você falou, manual. Hoje, não. Hoje, você foca no conteúdo e monta a estratégia do pago, né, para ele poder disseminar mesmo em larga escala.

Carol Pires: Naquele tempo, viralizar nas redes sociais dava muito trabalho. Não tinha os algoritmos sofisticados de hoje e nem robôs automatizando os compartilhamentos e fazendo envios em larguíssima escala. O João já vivia essa rotina de engajamento e hashtags, mas ele ainda não tinha colocado a política no meio.

"João": Porque, assim, eu estava em casa de final de vida ruim. E, aí, eu estava com um problema e tal, muito vagabundo, drogadiço demais, tomando papel, doce, aí eu queria me matar. Nessa de querer me matar, eu fui pro meu apartamento, apaguei as luzes, botei uma música daqueles heavy metal mais suicida pra eu poder me jogar do 18.º andar, sem perspectiva, sem projeto, sem propósito, sem nada. E, aí, de repente a internet caiu. E, aí, quando a internet caiu, que ficou mudo, foi que eu voltei, assim, né? E, aí, eu já voltei naquele desespero: "Meu Deus, que que eu ia fazer, que que eu ia fazer?". Aí, eu liguei a TV. Quando eu liguei a TV, estava passando a propaganda eleitoral. Aí, eu falei: "É isso que eu quero para minha vida." E eu fiquei assistindo.

Carol Pires: Na cidade natal dele, o João já estava interessado em movimento estudantil. E ele até se filiou ao PSDB e mudou pro Sul do país.

"João": Aí, comecei. Quando eu vi, eu já era liderança lá. Então, o trajeto que eu tinha que ter continuado aqui, eu continuei lá. Aí, lá, a gente fez a diferença, porque culminou a questão das ocupações dos colégios, por causa da reforma do ensino médio. E foi ali que eu estourei mesmo, ascendi. Consegui projeto de lei, frente parlamentar, lutamos pelo Conselho de Juventude do município da época. Daí, ali foi que abriu, aí, depois.

Carol Pires: Trabalho de base política mesmo, articulação dentro da Assembleia.

"João": Aham, gabinete, batendo de porta em porta, chamando o vereador de vagabundo. É, porque o cara veio – é, porque a vereadora não tinha a quarta

série. Imagina, vereadora de município, não tinha a quarta série. Cruzou os braços para mim – e olha que ela já tinha sido minha correligionária, porque ela era do PSDB na época. Ela cruzou os braços para mim e falou assim: “Ah, mas esses estudantes que estão aí nos colégios, não é um bando de vagabundo?”. Falei: “Vereadora, a senhora não tem a quarta série. A senhora está falando com representante da UNE, da União Nacional dos Estudantes, com universitário. E a senhora tá chamando os outros de vagabundo, pelo amor de Deus”. Tanto que tem gente até hoje que fala assim: “Mano, essa articulação política sua, ela é muito violenta”. Porque se ninguém te abraça, você empurra. Mas é o que acontece! A pessoa não concorda comigo? Eu vou: “Ah, beleza, então. Vem cá. Paz”.

Carol Pires: Foi com esse jeitinho dele, que o João acabou descolando uma campanha política pra fazer no Centro-Oeste, de um candidato do Patriotas. Justamente nas eleições de 2018.

"João": Foi bom porque, assim, o candidato era do meu partido, então eu já me afinei bastante. E era um desafio, porque ele, além de ser do agro, ele era um coroação.

Carol Pires: Nessa época, o trabalho de redes sociais já não era manual, já tinha como pagar para impulsionar conteúdo e atingir as pessoas certas. Mas o João ainda não tinha contato com as pessoas que tinham os programas de ponta pra disseminar mensagens.

"João": Aí eu crio conteúdo, eu crio as estratégias, eu vou fazendo as análises e eu vou passando, eu vou lendo feed, eu vou pegando as coisas no ar, vou juntando, junto uma coisa com a outra, uma notícia com a outra. E, aí, eu falo: “Ó, esse é o rumo que tá dando, vamos por aqui que vai dar boa.” As pessoas querem saber disso, as pessoas estão confrontando a saúde, a segurança. Vamos entrar com conteúdo de saúde, segurança. Inclusive, na época, a nossa inteligência artificial não era tão robusta como é hoje.

Carol Pires: Você ia fazendo no feeling. Você olhava o feed, entendia o que que as pessoas estavam falando.

"João": Isso, era no feeling.

Carol Pires: Aí pautava a campanha, criava um conteúdo sobre aquilo.

"João": Uhum. E ia pra dentro. E, aí, também tinha coisa que eu sou um artista, que é a questão do embate. Eu fui militante, então sou especialista em militância em ambiente virtual. Eu sei provocar, né? Claro que não é aquela coisa pejorativa, tenso, humilhante, ofensiva, não. Chega lá, o cara falando: "Ah, eu – vamos supor, né – eu destinei 12 milhões para saúde." E a saúde precária. Cadê esses 12 milhões? Botou onde? E, aí, começa.

Carol Pires: Isso o adversário.

"João": Isso contra o adversário, óbvio, né. E começa. E começa. E gira, e gira. E pergunta, questiona e fala que não, fala que roubou. Aí pega uma notícia de um jornalzinho e põe a notícia pra cima. Ali é a hora do embate político. Ali é a hora de você provar: "Ó, o cara não fez. Tá dizendo que fez, mas não fez. Só que o meu candidato vai fazer. Ele é muito melhor." E, aí, a gente põe currículo do nosso candidato e põe em cima para subjugar o currículo dos outros.

Carol Pires: Numa lógica em que as campanhas políticas tão cada vez mais no mundo virtual, e esse mundo virtual favorece o conteúdo que gera mais engajamento, o material produzido por pessoas como o João acaba pautando o debate público. Tá. E por que as pessoas acreditam nessas fake News? Quando o Trump foi eleito, o site norteamericano Vox soltou uma matéria com nove lições de psicologia pra entender aquela nova era política. Isso ficou pra sempre na minha cabeça, e bateu ainda mais forte quando o Bolsonaro foi eleito no Brasil. Eu vou falar de 4 dessas lições – que na verdade são estudos.

O primeiro estudo mostrava que os eleitores tinham mais chance de aceitar propostas que contrariavam suas convicções quando o líder político deles - no caso o Trump - dizia ser favorável a essas propostas. Ou seja, se o meu candidato aprova, eu aprovo também.

Outro estudo, de pesquisadores das universidades Duke, Princeton e Nova York, concluiu que é extremamente difícil mudar a opinião política de uma pessoa argumentando com ela e apontando dados. Isso porque a maioria das pessoas formou sua opinião por convicções morais. Vou ler um pedacinho da reportagem pra gente entender melhor – abre aspas: "A teoria das fundações morais é a ideia de que as pessoas têm uma visão moral estável, instintiva, que influencia sua visão de mundo. As fundações morais dos progressistas incluem igualdade, equanimidade e proteção aos mais vulneráveis. As fundações morais dos conservadores favorecem lealdade ao grupo, pureza moral e respeito à autoridade." Fecha aspas.

Um terceiro estudo mostra que quanto mais impotentes e mais pessimistas as pessoas se sentem, maior a chance delas acreditarem em teorias da conspiração. E o quarto amarra os 3 anteriores – que é o fato das fake news explorarem esses vieses todos. Cada vez que a gente vê uma notícia falsa, mesmo sabendo que é falsa, o nosso cérebro grava aquilo. E depois de ver essa notícia se repetindo aqui e ali, o nosso cérebro interpreta isso erroneamente como um sinal de que aquilo tem que ser verdade.

O resultado, acho que todo mundo já sabe: o debate fica distorcido e o diálogo muitas vezes fica impossível. Porque não existe uma verdade comum como ponto de partida. E como a gente se reúne em bolhas, com pessoas que pensam parecido e consomem o mesmo conteúdo, a gente vai tendo cada vez mais certeza de que as nossas ideias são corretas. Mesmo que esse pensamento seja uma completa mentira. E isso influencia famílias inteiras, grupos sociais inteiros, e pode mudar até mesmo os rumos de um país.

O João lembrou do que aconteceu nos acampamentos em frente aos quartéis depois da eleição de 2022, quando eleitores revoltados com a vitória do Lula acreditaram em várias notícias falsas – como a de que o ministro Alexandre de Moraes, presidente do TSE, teria sido preso.

"João": Acho que o Bolsonaro estava lá por Dubai, por Abu Dhabi ou alguma coisa assim. E uma mulher daqui, que era bambambã do acampamento, falou assim: "Gente, o ministro da Arábia Saudita", alguma coisa assim. Ministro, cara! Acabou de dizer que não reconhece o Lula como presidente e que paga pau pro Bolsonaro! É o sheik Volim Rabah."

Carol Pires: Na verdade, eu fui ver depois e era quase isso. O texto que estava circulando dizia assim: "Urgente, o Ministro das Relações Exteriores dos Emirados Árabes Unidos, Jallim Habbei, disse que seu país não vai reconhecer Luiz Inácio Lula da Silva como presidente do Brasil. E pediu a ONU mais transparência nas eleições presidenciais brasileiras.

O ministro Jalim Habbei. Quando você bate o olho, é como se o primeiro nome do Ministro fosse "Jalim" – J-A-L-I-M –, e o sobrenome fosse "Habbei" – H-A-B-B-E-I. Mas, quando a gente lê em voz alta "Jalim Habbei", dá pra perceber que soa mesmo como: "Já lhe enrabei."

"João": As pessoas, elas estão tão assim, meu, que elas não conseguiram escutar o que elas estavam falando. Você já parou para pesquisar se é isso. Daí ela saiu dos acampamentos e tal, não sei o quê. Esse negócio do dia 8 é fake news, mano. E não que o que aconteceu, não. Mas chegou a esse ponto por conta de fake news.

Carol Pires: E como a gente faz para combater isso?

"João": Olha, o que o eleitor tem que fazer? O eleitor, ele não pode só votar, ele não pode só participar de quatro em quatro anos. O eleitor tem que

acompanhar. "Ah, mas eu não tenho tempo." Tem a TV Senado, tem a TV Câmara, tem o jornal, entendeu?

Carol Pires: Tá, o que que eu acho que é o problema? Eu que sou jornalista, tenho muita dificuldade de falar sobre notícias com minha própria família. E acontece com vários outros jornalistas que eu conheço. Porque você está dando informação e a pessoa está te contradizendo com algo que ela leu no WhatsApp. Aí, você fala: "Cara, assim, você me conhece, eu sou da sua família. Eu estudei para isso, fui premiada, trabalhei nã-nã-nã. E você não acredita no que eu estou te dizendo?". Então... Aí, eu falo: "Não fica olhando WhatsApp, lê no jornal". "Ah, mas esses jornais mentem", então...

"João": Porque assim, no nosso país, ele podia ser um pouco mais alfabetizado. Principalmente politicamente. As pessoas, elas não têm noção do que elas estão lendo. Elas não fazem nem ideia. Então, assim, fica uma coisa muito da "cumadi", porque a "cumadi" brigou com a outra "cumadi" lá. Fica uma coisa muito de rua. E é justamente esse analfabetismo. E eu não sei como fala, se é político e tal... E essa distanciação das pessoas do poder é que faz elas acreditar em qualquer coisa.

Carol Pires: Educação política é superimportante mesmo. Mas educação digital também. Tem algumas regrinhas básicas pra você saber se um conteúdo é falso. Primeiro, tem que desconfiar sempre, principalmente quando a notícia é absurda ou força a barra pra te indignar, tipo aquelas cheias de pontos de exclamação. Outra coisa fácil de fazer é jogar a informação no Google - que hoje tem vários sites e ferramentas de checagem que ajudam a diferenciar o que é fato e o que é falso.

Só que essas ferramentas simples são de responsabilidade individual. Todo mundo teria que ser educado digitalmente para isso funcionar em massa. Eu, como jornalista, acho que a imprensa tem um papel também, de se autoexplicar melhor. Explicar que existe notícia e existe opinião. Que existe paródia e sátira. E que isso é diferente de notícia falsa. Que existem, sim, veículos jornalísticos que são viesados, dão muita ênfase só pros erros de um lado do espectro político. Mas

que eles são minoria. E admitir que, como profissionais, a gente também erra, mas que esses erros são corrigidos, e não podem ser comparados com uma notícia falsa pura e simples. E tem também uma saída mais institucional. Eu joguei essa bola pro João.

Carol Pires: E regular as redes sociais, você acredita?

"João": Olha, eu acredito. Pior que eu acredito. Pode ser até uma coisa assim, meio contraditória da minha parte, mas eu acredito, sabe por quê? O cigarro, o cigarro era uma coisa que patrocinava evento e tal. Você vê que são coisas nocivas às pessoas. Então, tipo assim, tem que regular justamente porque se consome. O consumo de não só de fake news política, mas o consumo de qualquer tipo de fake news, transforma, sim, a vida das pessoas.

Carol Pires: Faz 3 anos que o Congresso tá analisando uma lei das fake news, que até hoje não é consenso. A ideia é tentar equilibrar a liberdade de expressão e a privacidade dos usuários com a necessidade de identificar e punir quem comete crimes online. E também regular as plataformas pra ter uma maior transparência sobre os algoritmos e o conteúdo pago direcionado a grupos específicos, o que funciona pro marketing comercial, mas também pro marketing capaz de influenciar eleições. Só que tem um campo político no Brasil que é totalmente contra essa regulação.

Bolsonaro: Você pode ver, a preocupação do Alexandre de Moraes é fake news. Pelo amor de deus. Olha, se eu contar uma mentira para você aqui agora, acredita se quiser, e se você não gostar, você nunca mais fala comigo.

Carol Pires: Quando regular, aí também não prejudica o seu trabalho de fazer essa política lado B?

"João": Não, vai não. Acho que vai ficar até mais sofisticada. Sabia?

Carol Pires: Vai ter que pensar mais.

"João": Mais. E vão ter que ser coisas menos mentirosas, com mais consistência.

Carol Pires: E você quer continuar trabalhando com isso?

"João": Olha, eu vou ser bem sincero, eu acho necessário ter. Não tem como não ter. Porque tem coisas que só se resolve na base da fake news.

Carol Pires: Na política?

"João": Aham. E só fake, só as fake news, as teorias de conspiração, que vão conseguir trazer a pessoa para dentro desse universo, para ela analisar também junto, entendeu? Não, beleza. Transformar um país igual a esse aqui em Cuba é impossível para qualquer pessoa, porque não tem como você fechar um país igual a esse aqui, sabe? Mas ninguém sabe se não estão tentando fazer. Esse é o ruim.

Carol Pires: Não, não estão tentando fazer.

"João": Aí que está a grande divergência.

Carol Pires: Essa não foi a primeira vez que uma conversa minha com o João começou bem e terminou tortuosa. A gente se encontrou várias vezes ano passado, na eleição, e cada vez eu sentia ele mais suscetível às fake news. Não as inventadas por ele, mas outras. Como essa, de que existe um plano de transformar o Brasil numa espécie de Cuba.

Carol Pires: Você acha que de tanto ficar trabalhando com isso, você também não começa a acreditar em fake news?

"João": Olha, de tanto estar na política, eu fiquei biruta mesmo. Biruta, biruta, biruta. Por quê? Porque, hoje eu enxergo a coisa com um negócio mais

conspiratório mesmo, de sentar cinco, seis pessoas na mesa e definir o rumo do mundo. Eu acredito nisso, entendeu? Eu acredito que existe os Opus Dei, os Illuminati e tal. Sabe por quê? Porque tudo aquilo que a gente viu, tipo, em filme, em livro, você começa a ver lá dentro. Aí, eu comecei a ficar biruta por causa disso. Então, realmente precisa ser feito algo. Eu não sei se a regulação vai ser uma dessas coisas que precisam ser feitas, mas precisa ser feito por causa da saúde.

Carol Pires: Imagina se termina todo mundo que nem você? O Brasil termina com todo mundo igual você, assim, frito.

"João": A gente não sabe. E a gente tem um lado que fala, tem o outro que fala. E assim, a verdade, ela é uma, mas existe tanta fake envolvida, que a gente não sabe qual é a verdade mesmo.

Carol Pires: Eu acho que você tá começando a acreditar nas fake news.

"João": Estou, não. Mas pensa só: e a guerra da Ucrânia, acabou?

Carol Pires: Não.

"João": É mentira que o Vladimir Putin diz que vai soltar um míssil nuclear na Europa?

Carol Pires: Ele disse isso?

"João": Aham. Por que que o cara criou a maior arma nuclear do planeta? Pra quê?

Carol Pires: Pra matar todo mundo?

Branca Vianna: Essa foi a Carol Pires, colaboradora da Rádio Novelo. Ela também apresentou o Retrato Narrado, um perfil em seis episódios do ex-presidente Jair Bolsonaro, e, entre muitas outras coisas, foi uma das roteiristas da série Extremistas.br, onde tem mais entrevista com o João.

Essa história foi produzida com o apoio da organização Redes Cordiais, que promove educação midiática. Te convido a visitar o site deles, redescordiais.com.br e seguir eles em todas as redes sociais, no @redescordiais, pra conhecer as outras iniciativas que eles têm feito por aí.

Na segunda história da semana, o foco não é no que um determinado autor escreveu. É no que vários autores deixaram de escrever. Quem vai explicar isso tudo – porque é um assunto em que ele tá fissurado faz um bom tempo – é o Tiago Rogero.

ATO 2

Tiago Rogero: Eu gosto muito de história de terror. Praticamente todo fim de semana eu vejo um filme novo. E isso é meio que uma roleta russa, né? Porque não é todo filme de terror que é bom. Na verdade, eu diria que a maioria não é boa, mas aí é que nem, sei lá, aquela pipoca doce do saco vermelho. Você já sabe que quase tudo ali vai ter gosto de isopor. Mas de vez em quando aparece aquela bem docinha e crocante, com a camada perfeita de açúcar envolvendo o isopor, que faz tudo valer a pena.

E tem outra coisa: gostar de história de terror pode ser algo meio solitário. E isso é meio paradoxal. Porque tem muita gente no mundo que gosta. Entra ano e sai ano, sempre na lista dos filmes mais vistos no cinema tem lá uns dois ou três de fantasma, de monstro, de demônio. Só que também tem muita gente que não gosta. E quem não gosta não cogita sequer assistir, nem mesmo os filmes que são

realmente bons, que são indicados ao Oscar e tudo mais. Na minha casa é assim: a minha esposa não gosta e não vê nem por decreto. Se você é desse grupo, pode ficar tranquilo que esta aqui não é uma história de terror. Mas eu vou falar sobre histórias de terror.

Júlio França: Desde muito pequeno, sempre fui absolutamente apaixonado pela literatura de horror. E tocado por essa experiência tão desagradável que é o medo e ao mesmo tempo tão prazerosa.

Tiago Rogero: Este é o Júlio França.

Júlio França: Sou professor de Teoria da Literatura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Eu já há uns 15 anos, mais ou menos, desenvolvo uma pesquisa no âmbito da literatura brasileira, que tenho chamado de “poéticas negativas”. Esses modos de composição ficcional que são de alguma maneira centrados nos aspectos mais sombrios da existência. Eu estou sempre atento para essas manifestações do horror, do terror, do grotesco.

Tiago Rogero: E eu conversei com mais uma pessoa.

Oscar Nestarez: Eu sou Oscar Nestarez, eu sou pesquisador, tradutor e escritor da literatura de horror. Sou parceiro do Júlio França em Tênebra, na biblioteca digital de narrativas obscuras brasileiras.

Tiago Rogero: Foi por isso que eu procurei eles. Por causa desse projeto, "Tênebra".

Oscar Nestarez: A nossa biblioteca de narrativas obscuras, e que depois virou o livro da Fósforo em que a gente busca um outro olhar para a nossa tradição literária, tentando perceber outras poéticas, outras expressões ficcionais na nossa história literária com essa perspectiva do horror, das poéticas negativas, do medo, daquilo que nos assombra, perturba. Então, a

minha vida, de certa forma, gravita em torno desse núcleo que é a literatura de horror.

Tiago Rogero: Então você vê que essa história aqui tem um lado. O lado das pessoas que gostam de terror. Só que o Julio e o Oscar gostam em outro nível, né, porque eles fizeram disso a carreira deles. No caso do Oscar, quem abriu essa porta foi a mãe dele.

Oscar Nestarez: Eu era muito novinho ainda, minha mãe tinha um espírito meio maldoso, ela gostava de dar sustos em mim e na minha irmã, ela armava uns sustos cotidianos. Desde se esconder embaixo da nossa cama e começar a forçar o colchão, essas coisas assim, sabe? Acho que ela gostava de ver a gente apavorado.

Tiago Rogero: Nota mental: metas de paternidade. Bom, mas é o tipo de experiência que pode acabar dando em dois caminhos: ou a criança fica meio traumatizada ou então pode acabar gostando de sentir medo. E a gente já sabe que o Oscar seguiu pelo segundo caminho.

Oscar Nestarez: Eu adorava aquilo. Eu falava: “Nossa, o que está acontecendo, o que tem aqui embaixo da cama?” Era uma coisa de que ao mesmo tempo me reprimia, mas eu sentia essa vontade de saber o que que estava ali, o que estava escondido ali.

Júlio França: Eu, particularmente, tenho uma queda por um tipo específico de experiência de medo, que é exatamente a do medo do sobrenatural. Até mesmo por ser alguém absolutamente cético! Eu realmente não acredito em nenhum tipo de evento sobrenatural e compenso isso muito com a ficção.

Tiago Rogero: O Júlio mandou essa logo no começo da conversa. E eu, que não sou cético, que vejo filme de terror todo fim de semana e acredito fortemente no sobrenatural, precisava primeiro esclarecer isso com ele.

Tiago Rogero: Ô Júlio, em nenhum momento, mesmo depois você, sei lá, você leu um conto aterrorizante ou assistiu um filme que realmente te pegou... em nenhum momento você tem medo? Você não tem medo de que vai aparecer algo na sua frente, no mais escuro dos ambientes, sem luz, na mais propícia situação para que uma assombração se manifeste diante de você? Você nunca tem medo?

Júlio França: É bom eu poder esclarecer. Estou falando do velho Júlio França, agora com mais de 50 anos. É claro que o jovem Júlio França tinha.

Tiago Rogero: Ah bom. No princípio era o medo. Mas aí o tempo passou. Sabe quando tá tudo escuro em casa, você olha para um canto e acha que tá vendo a silhueta de uma pessoa; mas daí você acende a luz e no fim era só uma camisa no cabide que você esqueceu pra fora do armário? Acho que foi isso que o Júlio fez quando ficou mais velho. Metaforicamente ele acendeu a luz. O que não quer dizer que ele não sinta medo sob demanda.

Júlio França: No momento que eu estou ali lendo uma obra de horror, ou assistindo um filme assombrado, eu mergulho ali no pacto ficcional e experimento o medo tal qual, eu assimilo aquela condição. Acho que é quase uma exigência para que a narrativa de medo funcione, que você tem que fazer a famosa suspensão da descrença. Agora, terminada a obra, fechado o livro e encerrado o filme, o escuro não me assusta.

Tiago Rogero: Bom, mas essa minha conversa com eles não foi só pra ficarem os três tricotando sobre o gosto por filme de terror. Eu procurei eles porque já tem um tempo que eu fico pensando numa coisa. É o seguinte: nesse tipo de história, especialmente as de fantasmas, que são as minhas favoritas, tem uma espécie de regra. Geralmente, salvo raríssimas exceções, o fantasma é alguém que sofreu muito em vida, ou que teve uma morte violenta, ou as duas coisas; e que por causa disso não teve um fechamento pra esses assuntos e num pôde descansar, tá fadado a ficar vagando por aqui pela eternidade.

Um bom filme pra exemplificar isso é "O sexto sentido", de 1999. É aquele que tem o Bruce Willis e um menininho. Mas dá pra pensar num monte de outros filmes com essa regrinha. "O iluminado", de 1980; "Os outros", de 2001. Até "Ghost", aquele de 1990 com a Demi Moore, que nem é um filme de terror. Eu acho que é drama.

Bom, mas tem uma outra coisa que não só os filmes, mas as histórias de fantasmas em geral, têm em comum. A cor dos fantasmas. Não a cor da figura fantasmagórica que eles assumiram. Não a cor daquele brilho fantasmagórico, do efeito especial. Mas a cor desses fantasmas em vida. Ou melhor: a cor das pessoas que um dia eles foram. Nessas histórias, em geral é tudo fantasma de gente branca. É criança branca, adulto branco, idoso branco. Só que essa é uma conta que não bate, especialmente se a gente pensar no país que produz a maior parte dessas histórias, os Estados Unidos, mas também no Brasil. Se a premissa básica do fantasma é que ele sofreu em vida e/ou teve uma morte violenta, cadê os fantasmas dos milhões de escravizados? E não só eles. Pensando depois da abolição. A lógica do poder público para com as pessoas negras sempre foi a da eliminação. Hoje, no Brasil, de cada dez vítimas de mortes violentas, sete são negras. Nos Estados Unidos é um pouco menos do que isso porque lá a população afrodescendente é menor, mas proporcionalmente o número de mortes violentas entre os negros é muito maior do que entre os brancos. Então cadê os fantasmas de pessoas negras?

Júlio França: Sim, eu acho que você tem razão. Há uma sub-representação de fantasmas negros na nossa sociedade.

Tiago Rogero: Aqui novamente o Júlio França.

Júlio França: O fantasma como monstro. Os monstros são ali, corporificações das nossas ansiedades, dos nossos medos, das nossas inseguranças. E isso, sem dúvida, é uma das perspectivas que torna o estudo das poéticas negativas tão interessante, porque é uma forma muito aguda de se pensar uma sociedade - é exatamente pensar o que essa sociedade teme. Quais são os tabus, quais são os interditos, né?

Tiago Rogero: O que tá reprimido na nossa sociedade. Por essa linha de raciocínio, os monstros são meio que o resultado de uma boa olhada no espelho. Ou então uma boa olhada pra dentro. E contar essas histórias acaba sendo uma forma de lidar, ou então de não lidar, com esses monstros. E, em certa medida, com o próprio passado.

Júlio França: Esse retorno do reprimido, de alguma coisa que ficou para trás mal resolvida, e que reaparece no presente. O fantasma é sempre uma anacronia, né, algo que deveria ter ficado perdido no passado, algo que deveria estar resolvido e não está. Se faz presente, está interferindo, às vezes determinando o destino dos protagonistas no presente. Então eu acho que a primeira forma da gente entender essa ausência é que você não tinha tantos escritores negros escrevendo também.

Tiago Rogero: Pois é. O Oscar concorda com isso.

Oscar Nestarez: Acho que isso diz respeito ao pouco contingente de autores e autoras negras que tivemos, principalmente ao longo do século XIX. Inclusive, de autoras, né?

Tiago Rogero: E acho que essa é uma explicação um pouco óbvia, né? Partindo do pressuposto de que fantasmas não são reais, o que particularmente pra mim é difícil de admitir, mas, assim, partindo desse pressuposto; não existem tantas histórias assim de fantasmas não-brancos porque essas histórias foram escritas majoritariamente por autores brancos.

Até existem algumas histórias com fantasmas negros, mas tão longe de representar a proporção afrodescendente da população. Fora que, mesmo quando a cor ou raça de um personagem não é especificada, a tendência no audiovisual, por exemplo, é a de escalar um ator branco pra fazer aquele papel.

Oscar Nestarez: Quando a gente lê *Tênebra*, nós tratamos um pouco disso na apresentação do nosso texto, de como a forma o corpo feminino é tratado

com muita violência e sempre objeto de muito sentimento negativo em vários contos. Tem um pouco a ver com o fato de serem homens, brancos, enfim, numa situação privilegiada escrevendo. E o mesmo acontece com relação aos autores negros e negras.

Tiago Rogero: No livro de Tênebra, o Oscar e o Júlio reuniram narrativas brasileiras de horror produzidas no século XIX. Os anos 1800 né? E eles estimam que só uns 10% dos autores pesquisados eram negros. É um cálculo difícil de fazer porque muita gente escrevia sob um pseudônimo, mas é uma estimativa interessante só pra ter uma ideia de quem não era representado nessas histórias.

Oscar Nestarez: Nós temos aí um passado encharcado de sangue, um passado muito violento, mas que não rende tantas histórias a altura dessa dimensão desse passado, do que foi, de tantas histórias nesse sentido, de um passado que assalta o presente. Porque isso, de certa forma, tá na origem do gótico. Quer dizer, você trata de um passado que ameaça essa permanência, ameaça alguns privilégios ali do presente.

Tiago Rogero: Aqui eu acho que tá um ponto-chave desse "não se entender com o passado". Isso garante que tudo fique como está. E quem se beneficia com isso é quem sempre se beneficiou. Mas tem alguma coisa mudando.

Oscar Nestarez: Não à toa, eu acho que nós temos agora, mais recentemente, autores - mais recentemente mesmo, pensando em tempos contemporâneos.

Júlio França: Eu vejo aqui no Brasil esse falar com mais propriedade dos fantasmas do nosso passado. Principalmente artistas, roteiristas, escritores e escritoras, diretores e diretoras, estão assumindo isso e levando isso para o cinema de horror. Tratando desses fantasmas no nosso cinema, na nossa literatura, de uma forma muito mais contundente. Quer dizer: um monstro mostra. O que ele mostra? Ele mostra aquilo que durante muito tempo a

gente tentou deixar de lado, a gente tentou reprimir, a gente tentou solapar, mas não, tá ali.

Tiago Rogero: E a questão também não é só haver mais personagens negros, ou só haver mais fantasmas negros. Porque até já existem histórias de autores brancos com essas características, mas que por fim acabam só reforçando estereótipos racistas. A questão principal, além de contar essas histórias, é fazer isso com a profundidade, a complexidade e a humanidade que só mesmo escritores, atores e diretores negros conseguiriam. Que é o que a gente tem visto com as produções do Jordan Peele, por exemplo.

Se você for fã de terror, uma rápida dica aqui. Assiste "O Mistério de Candyman", de 92. O diretor é um homem branco. Daí na sequência vê o remake, "A Lenda de Candyman", de 2021. A diretora é uma mulher negra. O nome dela é Nia DaCosta. Nos dois filmes, o "monstro", entre aspas, é o fantasma de um homem negro. Mas as abordagens são totalmente diferentes. Um exemplo rápido, sem dar spoilers. O primeiro filme até traz alguma discussão racial, porque o Candyman em vida foi um homem negro que morreu linchado. Mas para por aí a discussão. Depois disso a única motivação dele passa a ser só matar e matar. Só vingança. Um vilão sem nenhuma humanidade. Um monstro, mesmo. Já o filme mais novo traz a discussão toda pra violência que é cometida até hoje contra as pessoas negras.

Júlio França: É essencial, né? O passo para que esses fantasmas possam ser representados como efeitos de injustiças do passado. O primeiro passo é a própria consciência de um passado injusto. E isso é um processo na nossa sociedade, a tomada de consciência desse passado violento, desse passado monstruoso. E isso precisa, dentro do imaginário do país precisou ser lentamente construída, essa ideia, para que, aí sim, isso também pudesse comparecer na ficção, né?

Oscar Nestarez: Eu acredito muito na força, na possibilidade de o horror dizer coisas de uma forma que repercute no nosso imaginário muito mais profunda do que, claro, o realismo tá aí, os compromissos realistas, as

questões psicológicas. Mas eu acho que o horror - A Mariana Enriquez fala disso, autora argentina. Ela fala que o horror se dirige ao nosso âmago, da nossa sociedade, de uma forma muito mais poderosa do que outras possibilidades narrativas. Eu gostaria muito de ouvir mais vozes negras nesse sentido, dentro do gênero do horror.

Tiago Rogero: E quem tem a ganhar com isso é o público, e isso vale não só pras pessoas negras, mas pra todo mundo que é sub-representado nessas histórias. Ou seja: todo mundo que não é homem, hetero, cisgênero e branco. Querendo a sociedade aceitar ou não, a nossa história é feita de muita coisa triste. De muita coisa boa também, claro, mas de muita coisa feia. De muita tristeza, de muita violência. Inclusive, hoje, no nosso dia a dia. Os monstros, a gente já tem. Eles vivem sacudindo nossa cama. Sussurrando nos nossos ouvidos. Desafiando a gente a encarar. O que falta é olhar bem pro espelho.

Branca Vianna: Esse foi o Tiago Rogero, gerente de criação da Novelo. O Tiago também criou e apresentou a série Projeto Querino, que é uma história afrocentrada dos últimos 200 anos no Brasil.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta. Se você ainda não está segundo o Rádio Novelo Apresenta no seu tocador de podcast preferido, aproveita e faz isso já. Assim você não perde nenhum episódio e a gente pode estar com você toda quinta-feira. Quando você dá cinco estrelas no seu tocador, isso ajuda a gente a chegar cada vez mais em mais pessoas. E sempre que você puder espalhar a palavra do bom podcast por aí, no bom e velho boca a boca, a gente agradece. No nosso site, radionovelo.com.br, você consegue ver material extra e referências pra cada episódio, pra poder se aprofundar um pouco mais em cada assunto. Se você quiser mandar uma história pra gente, o nosso e-mail é apresenta@radionovelo.com.br. Você também pode só marcar a gente nas redes, no arroba radionovelo.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Os episódios novos saem às quintas-feiras. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta e a Bia Guimarães. As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Gabriela Varella, Júlia Matos e Natália Silva. A checagem deste episódio foi feita pelo Gilberto Porcidonio. A montagem é da Mariana Leão. A Paula Scarpin fez o desenho de som. Nesse episódio, a gente usou música original do Chico Corrêa e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound. O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela FêCris Vasconcellos e pela Bia Ribeiro. O Eduardo Wolff é responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais, e o design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.